



Anais da Assembléia

Nº 009

CURITIBA, QUINTA-FEIRA, EM 08 DE MARÇO DE 1990

ANO XVI

^a 4. SESSÃO LEGISLATIVA DA 11.^a LEGISLATURA
ATA DA SESSÃO SOLENE DEDICADA ÀS COMEMORA-
ÇÕES ALUSIVAS AO 80º ANIVERSÁRIO DO DIA
INTERNACIONAL DA MULHER.

REALIZADA EM 08 DE MARÇO DE 1990

QUINTA-FEIRA

Presidência do Senhor Deputado Anibal Khury, secretariada pelas Senhoras Deputadas Vera Agibert e Arialba Freire.

As quatorze horas e trinta minutos, é registrada a presença dos seguintes Srs. Deputados: Anibal Khury, José Afonso Júnior, Orlando Pessuti, Tadeu Lúcio Machado, Werner Wanderer, Pirajá Ferreira, Algaci Túlio, Acir Mezzadri, Amélia Hruschka, Antônio Annibelli, Antônio Bárbara, Antônio Costenaro Neto, Arialba Freire, Artagão Mattos Leão, Basílio Zanusso, Caíto Quintana, Cândido Bastos, David Cheriegate, Dirceu Manfrinato, Djalma de Almeida César, Erondy Silvério, Ezequias Losso, Ferrari Júnior, Gernote Kirinus, Haroldo Rodrigues Ferreira, Hermas Brandão, Homero Oguido, Irondi Pugliesi, João Arruda, José Alves, José Rogério Carvalho, Lauro Lobo Alcantara, Leônidas Chaves, Lindolfo Júnior, Luciano Pizzatto, Luiz Alberto Oliveira, Luiz Antonio Setti, Luiz Carlos Alborghetti, Namir Piacentini, Nei-vo Beraldin, Nelson Vasconcellos, Nereu Carlos Massignan, Milton Barbosa, Paulino José Delazeri, Paulo Furiatti, Pedro Tonelli, Quielse Crisóstomo, Rafael Greca, Paul Lopes, Renato Adur, Sabino Campos, Valderi Mendes Vilela e Vera Agibert. Achando-se em licença o Senhor Deputado Eduardo Baggio.

O SR. PRESIDENTE (Anibal Khury) - Sob a proteção de Deus, declaro aberta a

SESSÃO SOLENE

SESSÃO SOLENE DO DIA
INTERNACIONAL DA MULHER

O SR. PRESIDENTE (Anibal Khury) - Sob a proteção de Deus, declaro aberta a presente Sessão Solene dedicada às comemorações alusivas ao aniversário do dia Internacional da Mulher.

Com satisfação anunciamos a composição da Mesa. Sra. SUELI CONCEIÇÃO MORAIS SEIXAS, representante do Sr. Prefeito Jayme Lerner; Sra. VERA LÚCIA QUEIROZ, esposa do Vice-Governador do Estado; Sra. ANIBAL KHURY, Presidente da APASDE; Exa. Sra. Deputada VERA AGIBERT; Exa. Sra. Deputada AMÉLIA HRUSCHKA e Deputada ARIALBA DO RO-CIO CORDEIRO FREIRE.

Convido os presentes a ouvirem a execução do Hino Nacional a ser executada pela Banda de Música da Polícia Militar do Estado do Paraná.

(É EXECUTADO O HINO)

Senhoras e Senhores Deputados, Senhoras representantes de entidades, Senhoras.

Esta Assembléia Legislativa, se reúne hoje, em Sessão especial, para comemorar o dia Internacional da Mulher.

Como evidência da crescente participação da mulher nas atividades públicas, temos hoje a presença de quatro Senhoras Deputadas nesse Plenário, abrilhantando e honrando este Parlamento.

No Brasil como um todo, a participação da mulher se destaca, de forma crescente a atestar a evolução sócio cultural de nosso povo.

No Paraná, a mulher assume ampliadas responsabilidades na condução das atividades coletivas ao lado de suas contribuições à formação da família, à função cultural e a nobre e relevante missão educacional.

Por isso, ao nos associarmos às homenagens desse dia, queremos nos congratular com o Conselho Estadual da Condição Feminina, com as entidades representativas e com as ilustres Deputadas que nesta Casa, tão destacadamente, simbolizam a participação da mulher na gestão dos nossos destinos: Deputada Vera, Deputada Amélia, Deputada Irondi e a Deputada Arialba.

Como eu sou um estranho no ninho aqui, eu vou passar a Presidência e convido a Deputada Irondi Pugliesi, Presidenta da Comissão da Mulher na Assembléia Legislativa e do Conselho Estadual da Condição Feminina do Estado do Paraná, a assumir a direção dos trabalhos da presente Sessão.

(Assume a Presidência a Deputada Irondi Pugliesi).

A SRA. PRESIDENTA (IRONDI PUGLIESI): Quero, inicialmente, saudar a todas as pessoas aqui presentes, às representantes de entidades não só aqui de Curitiba, como entidades do interior do Estado e do Brasil, e agradecer a presença das companheiras de trabalho do dia a dia no Fórum Paranaense Pelos Direitos da Mulher, e também dos meus colegas parlamentares, que muito contribuíram para que nós tivéssemos esta conquista na nova Constituição Estadual, que nós tivéssemos esta conquista na nova Constituição Estadual, que nós estamos hoje apresentando alguns dos projetos de Lei que irão colocar na vida prática da cidadã paranaense a nova legislação, con-

quistada na Constituição Estadual.

Eu saúdo o Exmo. Senhor Deputado Anibal Khury, Presidente da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná; a Sra. Sueli Conceição Moraes Seixas, representando o Senhor Jayme Lerner, Prefeito Municipal de Curitiba; a Sra. Vera Lúcia Queiroz, esposa do vice-Governador do Estado, Ari Queiroz; a Deputada e companheira Amélia Hruschka, que é Líder do PRN nesta Casa; a Sra. Niva Khury, que é a presidenta da APASE aqui da Casa; e a nossa companheira Vera Agibert, que é a 1.ª Secretária da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná, na Mesa de hoje; e a Sra. Arialba do Rocio Cordeiro Freire, representando a 2.ª Secretária, nossa Deputada que assumiu ainda estes dias o seu mandato, nesta Casa.

Eu quero fazer um cumprimento, agora, especial, à Professora Gilda, porque nós tivemos na Secretaria de Educação, sempre, uma companheira que esteve lado a lado conosco na luta pelos direitos da mulher. Então, eu faço meu cumprimento especial, porque nós estamos lado a lado nesta luta, como companheiras de trabalho.

(Lê): "Em 1910, quando a Deputada Socialista Clara Zétkin, no Congresso Internacional de Mulheres Socialistas, na Dinamarca, defendeu ardorosamente a existência do Dia Internacional da Mulher, por certo não poderia imaginar que 80 anos depois, nós mulheres brasileiras, estaríamos ainda nesta luta pela igualdade.

Em todo o mundo, entre guerras, manifestações, ações ousadas e entrada em massa no mercado de trabalho, as mulheres ao longo destes 80 anos, tornaram-se um dos segmentos sociais.

Emergentes, na luta pela educação, o direito básico ao saber; na luta pelo direito do povo, o direito básico à cidadania; na luta pelo trabalho, a condição para seu reconhecimento como produtora de riquezas; pelos equipamentos sociais, o reconhecimento da maternidade como função social norteou a mulher o desejo imemorial, o anseio humano de ser vista e tratada como cidadã de primeira categoria, o desejo de ver seus direitos assegurados na condição de igualdade com o seu semelhante.

Podemos dizer que estes 80 anos de lutas valeram à pena, embora tudo aparentemente continue como estava.

Do restrito trabalho no lar, entre panelas, tanque e filhos, a mulher brasileira começou a ingressar no mercado de trabalho e na vida pública. Já dizia Clara Zétkin também que a emancipação da mulher se daria no processo de sua entrada no mercado de trabalho, mas em condições de igualdade. A mulher entrou no mercado de trabalho. Hoje são 38% dos que diaria-

mente saem para produzir riquezas do País nas fábricas, nas fazendas, nas lojas, nas repartições públicas, escolas e hospitais mas em que condições?

Assim como o conjunto dos trabalhadores, a mulher é submetida em nosso País e na grande maioria dos Países do mundo, às mais humilhantes condições de vida e sobrevivência. Em 1985 por exemplo, dos 6 milhões e meio de brasileiros que ganhavam meio salário mínimo, 4 milhões eram mulheres. E, em contrapartida, dos que ganhavam mais de 20 salários, as mulheres eram apenas 7%.

Portanto o ingresso da mulher no mercado de trabalho, não foi no sentido de assegurar o espaço de igualdade à mulher, mas de submetê-la à mesma opressão imputada ao conjunto dos trabalhadores, aprofundada no caso feminino, pela superexploração.

Hoje não é mais possível afirmar que a mulher é simplesmente exército de reserva, chamada apenas nas crises e então despedida logo depois. Não. As mulheres são hoje um segmento extremamente solicitado para o trabalho no bojo da crise duradoura do sistema capitalista que não tem data nem perspectiva para acabar. A forma de se lhe impor a condição de desigualdade é através das exigências cada dia mais sofisticadas de determinar o controle da natalidade.

O ingresso à fábrica passa pela exigência do atestado de laqueadura. Não é mais nos bolsos da miséria apenas que se distribui a pílula anticoncepcional ou se laqueia a mulher sem que ela o saiba ou se introduz o "DIU". Hoje é em relação à mulher qualificada para trabalhar que se introduz a exigência de não ser mãe. E, como resultado desta situação vemos: de um lado, o aborto tratado como crime e não como um problema social, de saúde pública, que atinge 3 milhões e meio de mulheres ao ano no Brasil. E, de outro, a negação do direito à maternidade, através das exigências colocadas no mercado de trabalho, bem como da negação peremptória do direito à creche. O programa de assistência integral à saúde da mulher, o PAISM, ainda se encontra no papel. E, apesar de toda nossa boa vontade e empenho, não podemos afirmar que no nosso Estado o PAISM seja uma realidade, pois sua implantação ainda está se iniciando.

Trabalho e saúde estão, portanto na base das razões da mulher para lutar.

Muitas foram nossas conquistas, principalmente na última década, quando a ditadura militar foi derrubada. A existência dos órgãos institucionais, como os conselhos da condição feminina, as delegacias de mulheres, assistência jurídica à mulher, tornaram-se a evidência do reconhecimento por parte do Estado da condição de

opressão feminina. No entanto não podemos dizer que só a sua criação tenha assegurado a sua manutenção e funcionamento, pois se olharmos para o País, veremos conselhos ainda esvaziados sem a menor infraestrutura. No Paraná as delegacias de mulher ainda necessitam melhor aparelhamento para seu atendimento, que é especializado. As casas de abrigo, os albergues, estão no papel há anos e no nosso Estado faz parte da Constituição se transformarem em realidade. A Assistência jurídica passou por crises de existência e ainda não se consolidou, correm o risco de vida, portanto, os serviços sociais e instituições sociais dirigidas à mulher.

Enquanto isto, a violência cresce, os casamentos desfeitos tornam-se eventos de violência familiar sem ajuda da justiça e de assistência social, e as nossas escolas ainda não conseguiram libertar-se da marca machista e discricionária à mulher.

Ou somos corajosos e adotamos de uma vez por todas uma postura de exigência do fim desta situação; como homens e mulheres de direção e mando tomamos atitudes que cesse esta situação, ou entraremos sempre no discurso da denúncia e do vazio.

A Constituição do Paraná, pode-se dizer, foi generosa com as mulheres. Foi mais com as mulheres do que com o conjunto do povo paranaense, porque infelizmente manteve e inseriu aspectos de enorme conservadorismo no seu conteúdo, mas há a contestação das conquistas femininas, como a do art. 34, XXI, que estabelece a creche para os filhos dos servidores públicos civis. E há uma espécie de "desconhecimento" da Lei. Por que? É difícil ao Poder Público admitir que as mulheres têm especificidades inerentes à sua condição de perpetuadores da espécie? Que os filhos não são apenas responsabilidade da mãe mas também da sociedade?

Pensem nisto e tomemos uma posição!

Agora estamos a propor, a Comissão da Mulher na Assembléia será um fórum bastante requisitado, um conjunto de leis para regulamentar a constituição. São leis simples, onde se busca criar o mínimo de dificuldades e falsas interpretações. Queremos a saúde da mulher assistida; queremos o direito à creche respeitado; que as servidoras públicas possam trabalhar com tranqüilidade sabendo que seus filhos estão em segurança; que a violência seja combatida através de políticas claras e objetivas. É demais queremos isto?

Sabemos que estas propostas têm eco entre o povo paranaense. Na Constituinte Estadual as propostas das mulheres foram as que receberam maior número de assinaturas. Acabamos respeitadas por nossa luta e intransigência naquilo que considerávamos justo.

Novas lutas se colocam.

Colocam-se num momento político de grande expectativa, com a posse de um novo Presidente da República. Nosso olhar ainda é de desconfiança, não basta termos mulheres nos ministérios. É preciso saber: defenderão os interesses do nosso povo, nossos homens e mulheres mais sofridos? Será a inflação combatida mais uma vez às custas dos pobres? Seremos mais uma vez obrigados a ir às ruas, de novo, a defender nossas estatais e soberanias do Brasil? Terão os sem terras, homens e mulheres, o direito de plantar e produzir livremente? Poderão os trabalhadores e trabalhadoras lutar livremente pelos seus direitos?

Ao defender a existência do Dia Internacional da Mulher em 1910, Clara Zétkin deixava evidente que sem o fim de todas as formas de opressão sobre todos os trabalhadores não haveria a emancipação da mulher. Estamos dando passos. Nosso povo e nossas mulheres estão cada dia mais conscientes da necessidade de derrubar todas as formas de opressão e exploração, na busca de uma nova sociedade.

Que este 8 de março possa ser o resgate da luta imemorial das mulheres que se deixaram imolar pelos seus direitos e de seus filhos e da sociedade em 1857.

Que as 129 operárias têxteis de Nova Iorque, estejam, entre nós para servirem de exemplo na luta contra a exploração.

Que todas as mulheres exploradas e oprimidas do mundo estejam juntas, neste dia, para dizer: Basta de opressão, queremos na vida o que já temos nas Leis.

E que brevemente a humanidade esteja assimilando em toda a profundidade que uma época histórica pode ser determinada pelas conquistas das mulheres em direção à liberdade.

Não permitamos, pois, recuos, sejamos vigilantes, unámo-nos rumo à emancipação da mulher.

Obrigado.

A Sra. Irondi Pugliesi (Termina de ler).

A seguir nós passaremos a ouvir os pronunciamentos dos representantes presentes ao Movimento de Mulheres. Comunicamos às oradoras que o tempo estipulado, determinado aos seus pronunciamentos será de cinco minutos prorrogável por mais três conforme foi definido na reunião que se fez preliminar a esta Sessão.

Nós gostaríamos de chamar à tribuna a entidade que se fez presente aqui, hoje, que é a União Brasileira de Mulheres representada hoje pela jornalista Télia Negrão.

Télia Negrão, por favor.

A SRA. TÉLIA NEGRÃO - Boa tarde a todos.

Eu trago o abraço caloroso da União

Brasileira de Mulheres a todas as Senhoras e Senhores, aos companheiros e companheiras de luta que vêm buscando no seu dia-a-dia a construção de um País melhor para nós e para nossos filhos.

Nós estamos comemorando os 80 anos de instituição do "Dia oito de Março", "Dia Internacional da Mulher", Esta data instituída em 1910 num Congresso das Mulheres Socialistas na Dinamarca foi um palco de luta muito séria, de uma luta muito grande. De um lado estavam as mulheres que diziam que, a emancipação da mulher se daria num processo de luta e de emancipação de conjunto da sociedade, e que, portanto, não existiria a emancipação e a libertação da mulher, sem que a sociedade no seu conjunto se emancipasse, e, que, portanto, a data da mulher era oito de março, que era a data das mártires de Nova Iorque, e, de outro lado correntes daquela época também do movimento de mulheres contestavam dizendo que, a luta da mulher não se ligava em nenhum momento com a luta emancipadora dos povos.

O que vemos 80 anos depois é que os Países que mais avançam no campo político, no campo econômico, são os Países que mais asseguram os direitos das mulheres. E vemos que o nosso País, embora industrializado, embora um País de muitas riquezas mantém a imensa maioria do nosso povo à margem destas riquezas, e portanto, mantém a sua outra grande maioria, que são as mulheres.

51% da população também à margem destas riquezas, agravada pelo simples fato de serem mulheres.

E nós aqui, no Paraná que durante a feitura da atual Constituição pudemos conviver com muitos Deputados, e saímos contentes desta Constituinte, porque vimos conquistas nossas, bandeiras muito batalhadas inseridas nesta Constituição, no campo da saúde, no campo do trabalho, no campo da violência.

Vimos há poucos dias, com tristeza, que o Poder Público ainda não percebeu qual é o seu papel.

Ao argüir a constitucionalidade de cinco pontos da Constituição do Paraná, um deles: creches para os filhos dos servidores públicos. Parece uma piada, porque a Constituição Federal, resgatando este direito inseriram à Constituição Estadual, que, filhos de servidores públicos, também são filhos. Apenas isto. São crianças que, como todas as crianças entram num processo educativo, um processo de formação logo após o nascimento.

Nós mulheres, estarecidas, vemos o Governador Álvaro Dias solicitar do Supremo Tribunal Federal a declaração de inconstitucionalidade daquilo que é um direito de todas as mulheres e não apenas de

algumas mulheres, que podem pagar a creche, mas do conjunto das mulheres, especialmente das mulheres que lhe servem diretamente, que são as servidoras públicas.

(PALMAS)

Nós, então, perguntamos: que direito tem o Governador Álvaro Dias de dizer que as mulheres servidoras não são mães, que direito tem ele de dizer que os servidores públicos não são pais, que direito ele tem de dizer que filhos de servidores não são filhos e que, portanto, não precisam de creches? Nós questionamos o Senhor Álvaro Dias porque, além de Governador ele é pai e sua esposa mãe, e ele tem dois filhos.

Nós sabemos que na atual situação dos servidores públicos o auxílio-creche, que vem sendo fornecido aos servidores públicos, é uma verdadeira vergonha, ela não corresponde a nem um quinto do valor de uma creche. Portanto, o Senhor Álvaro Dias não tem o direito de dizer, em hipótese alguma, que filhos de servidores não têm direito a educação dos 0 (zero) aos 06 (seis) anos.

Portanto, como essa é uma questão que afeta o conjunto das mulheres, porque cada vez que uma mulher perde os direitos são todas as mulheres que têm os direitos enfraquecidos; cada vez que um trabalhador perde o direito é o conjunto dos trabalhadores que é enfraquecido.

Eu conclamo a todas as companheiras e companheiros que abrace a luta dos servidores. E mais, é um pedido especial ao Presidente da Assembléia Legislativa: a Assembléia Legislativa do Paraná contratou um eminente jurista para defender a Constituição Estadual, que este ponto esteja privilegiado nesta defesa da Carta do Paraná. Foi uma carta suada, foi uma Carta muito chorada, as mulheres amanhecaram aqui nesta Assembléia, foram as que mais coletaram abaixo-assinados, os servidores públicos lotaram esta Assembléia muitas vezes, portanto é hora de resgatar um direito! Ninguém tem o direito de sonegar aquilo que é um direito.

Vivemos um momento de gravidade em nosso País. A União Brasileira de Mulheres considera que a posse do novo Presidente não significa um momento de tranquilidade para o nosso País. O País está em profunda crise. A inflação corroe os salários. O País está submetido ao capital financeiro. Nós temos conflitos de terras imensos. Nós vivemos uma situação em que o País ou abre as suas portas para o povo, e não para o capital internacional, e não para privatização das suas empresas, abre as suas portas para a democracia e a liberdade, ou nós, provavelmente poderemos sofrer um retrocesso e momentos de extrema obscuridade ao invés de vivermos momentos de grande liberdade, que é o que todos nós, homens e

mulheres, esperamos.

Portanto, nós da União Brasileira de Mulheres chamamos a atenção de todas as mulheres, de todos os homens, de todos aqueles que se sentem comprometidos com a liberdade no nosso País, para que não nos enganemos com propostas enganadoras. Não basta ser mulher, não basta colocarmos mulheres nos ministérios. Nós sabemos o que levou o futuro presidente ao ministério, quais os compromissos que o embalaram. E nós mulheres estaremos muito vigilantes nessas mulheres que estão lá falando em nosso nome. Elas não terão o nosso apoio no momento em que entregarem o nosso País ao estrangeiro, no momento em que implantarem o controle da natalidade, no momento em que implantarem questões de enganação do povo, no momento em que intervirem no movimento social, no momento em que reprimirem uma greve, no momento em que negarem a Reforma Agrária, no momento em que abrirem o País para o capital estrangeiro.

Nós estaremos com elas tão vigilantes e tão rigorosas como em relação ao mais machista dos homens que batem em suas mulheres, porque nós amamos a emancipação e a luta pelos direitos das mulheres, mas amamos, sobretudo, o nosso País.

Muito obrigada.

A SRA. PRESIDENTA (Irondi Pugliesi) - Agradecemos a participação da União Brasileira de Mulheres, representada pela jornalista Télia Negrão.

Nós queremos ler um Requerimento apresentado pelo Deputado Luiz Antonio Setti a esta Sessão Solene que é um Requerimento que requer a inserção em Ata de votos de congratulações pelo transcurso do Dia Internacional da Mulher.

Nós queremos registrar um telegrama do Senhor Governador do Estado Álvaro Dias, agradecendo o convite para a Sessão Solene, alusiva aos 80 anos do 8 de março, Dia Internacional da Mulher, partilhando com os membros desta Casa e o Conselho Estadual da Condição Feminina esta importante comemoração. Também do Secretário de Estado da Saúde Senhor Delcino Tavares da Silva cumprimentando as companheiras e dizendo da impossibilidade do seu comparecimento.

Anunciamos a presença de representantes do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Pesada e está representando esse Sindicato a Sandra Dudik. Do Sindicato das Secretárias do Paraná - Sinsepar, Ana Luiza de Souza Guedes. De Marília Britto, representando o Museu de Arte Contemporânea. De Francisco dos Anjos, representando a Funabem. De Isolda Andreatta, Presidente da APP, do Sindicato da Associação de Professores do Paraná. E anunciamos presentes ao Plenário meus companheiros de Assem-

bléia Legislativa: Luciano Pizzatto, Haroldo Ferreira, Anibal Khury, Algaci Túlio, Djalma de Almeida César, Renato Adur, Ezequias Losso, Basílio Zanusso, Neivo Beraldin, Pedro Tonelli, Nereu Massignan, Antônio Costenaro Netto e Cândido Bastos.

Nós convidamos a próxima representante para fazer uso da palavra. É Lígia Mendonça, representando o Movimento 8 de Março.

A SRA. LÍGIA MENDONÇA - Em nome do Movimento de Mulheres 8 de Março que é um grupo que existe desde 84, eu quero trazer a nossa saudação, especialmente às mulheres e homens que têm dado na sua vida pública e privada um testemunho da luta pela igualdade não só das mulheres, mas de todos os seres humanos.

Eu vou falar um pouquinho sobre o Paism, este Paism que quer dizer Política de Atenção Integral à Saúde da Mulher, como disse já a Deputada Irondi, ela está no papel desde 1982, 83, e a gente tem brigado muito para que ela saia do papel, mas apesar de tudo o que se diz aí do novo sistema de saúde, do Suds e novos símbolos e novos prédios, etc e tal, a atenção à saúde, da mulher continua igualzinha ao que era. Alguns passos que tinham sido dados eu diria até que nós demos passos atrás. Dentro da Secretaria Estadual da Saúde nós tínhamos uma divisão de assistência à saúde da mulher e da criança e essa divisão encontra-se desmontada. Os técnicos que lá trabalhavam não mais tiveram espaço para prosseguir na sua luta, nos seus projetos, auxiliar os municípios, na Assessoria de como implantar um atendimento à mulher que leve em conta as suas necessidades diferentes dos homens, nós fazemos questão de ser respeitadas nas nossas diferenças, e essa é a única hora em que nós de fato somos muito diferentes e precisamos de uma atenção diferente. A Mulher devido ao seu aparelho reprodutivo está exposta a uma série de agressões, a uma série de sobrecargas que exige que o serviço de saúde trate ela como uma pessoa diferenciada do corpo masculino. Então o que nós queremos nesse Paism? Nós queremos que a mulher não seja vista apenas como uma gestante, exaltada como mamãe que nem aí ela consegue ser atendida direito. Não sei se vocês sabem, a taxa de mortalidade materna, que é risco que mulher corre de morrer quando está grávida e quando tem filho, no Brasil é dezoito vezes maior que na Suécia, nos Estados Unidos. É assustador. O Paraná tem uma taxa altíssima. Isto significa o que? Que as mulheres morrem quando ficam grávidas e vão ter o seu bebê por quê? Duas causas principalmente: hemorragia, que significa que não tem aparelhagem no hospital para dar conta de quando ela entra em hemorragia. E a questão da

pressão alta.

Isto é um absurdo, gente! Estamos fazendo pesquisa sobre mortalidade materna e temos morte de mulheres desde os quatorze anos até os cinquenta, por motivo de gravidez e parto.

Muito bem. Além deste momento em que ela é gestante e que só um pré-natal bem feito poderia evitar estas mortes, vemos que todas as outras áreas da mulher ela fica sem atendimento adequado. Temos uma altíssima incidência de câncer de mama e de útero nas mulheres especialmente após os trinta anos. E o que a gente vê? Campanha na televisão e depois você vai lá no serviço e não tem nada daquilo que a televisão prometeu. Não tem. A gente tem que continuar fazendo a campanha na televisão? Tem. Mas tem que colocar o serviço lá, atendendo em qualquer posto de saúde municipal, estadual, INAMPS, etc... aquilo que sabemos que é necessário. Tentar fazer um diagnóstico precoce para que a gente possa encaminhar para um tratamento.

Além disto, queremos acesso e orientação a todos os métodos anticoncepcionais. A todos. E a escolha deve caber à mulher. Ao casal, se for o caso. Mas não ao médico. Nunca uma imposição. E precisamos ter realmente os dezoito, vinte métodos que existem, porque não é toda a mulher que pode tomar pílula, nem que deve fazer laqueadura. Além disto queremos um atendimento a todas as queixas ginecológicas que um monte de mulheres sofre e desfruta muito menos do que poderia da sua vida sexual porque morre de vergonha, não sabe onde procurar ajuda e o serviço, quando a mulher chega lá, não tem um treinamento que trate esta mulher de acordo, com que ela possa se sentir à vontade. Não tem uma funcionária, não tem um biombo para se sentir mais à vontade, não tem uma pessoa que converse com ela... o atendimento que já é ruim, em qualquer situação, fica mais complicado ainda se este médico tem pouco tempo, se a enfermeira não sabe explicar.

Precisamos, ao lidar com o mais íntimo, que é a nossa sexualidade, a nossa saúde, de um serviço melhor ainda do que este de tratar de um calo de um dedo, ou de uma dor de ouvido.

Temos uma falta gritante no atendimento de saúde mental. Isto também atinge os homens. Mas no caso da mulher, sobrecarregada de sentimentos de culpa porque sai para trabalhar, esta mulher manifesta um nervosismo, um monte de problemas ditos emocionais e nervosos, que não afetam da mesma maneira os companheiros homens que talvez vão "encher a cara" no bar, que não é uma saída psicológica para a emoção feminina.

Reivindicamos um atendimento também na terceira idade, depois da menopausa, quan-

do a mulher vai sofrer uma série de alterações pela mudança hormonal. Tudo isto significa dizer que queremos um sistema de saúde pública, gratuita, de boa qualidade e com controle da população. Isto significa dar passos em relação à reforma sanitária. E mais, ainda mais, dentro do Conselho Estadual de Saúde que os Senhores Deputados estarão regulamentando, queremos e pedimos aqui, exigimos aqui a participação dos movimentos de mulheres. Porque ao ter presença também, a mulher não vai falar só por ela. Quando ela fala por ela, ela também cuida da saúde dos filhos e, muitas vezes, do seu marido e dos mais velhos. A mulher representa mais de 70% da clientela dos hospitais e dos postos de saúde.

Queremos um aumento no orçamento destinado à saúde que, vergonhosamente, nestes anos do Governo Álvaro Dias, tem decrescido sistematicamente. (Palmas).

A SRA. PRESIDENTE (Ironi Pugliesi) - Ouvimos as palavras de Ligia Mendonça, representante do Movimento Oito de Março. Queremos anunciar a presença do Senhor Osvaldo Cardoso, do Movimento de Ação Ecológica. Queremos anunciar também a presença de Dilma Maia Pereira, da CGT; de Vilma Kael, do PCB; do Clube Sorooptimista Dirce Helena de Carvalho; da Rede Feminina de Combate ao Câncer, Edite Pizzato e Isolda Paranho, Maria de Lourdes Montenegro, representando o PSDB, comunidade internacional da RAE, União e Consciência Negra, União de Mulher de Curitiba, Secretaria de Comunicação Social através de Manoel Eduardo de Camargo, de Elza Elisa Benites - Coordenadora da Comissão de Mulheres do Movimento Popular Colorado-Paraguai, Sara Beatriz Rolon - Secretária do Movimento Popular Colorado-Paraguai, Delegada da Mulher Dra. Eliane Fernandes. Quero cumprimentar as Mulheres Paraguaias pela sua presença aqui hoje e agradecer essa solidariedade às mulheres Paranaenses. Anunciar também a presença das componentes do Conselho Estadual da Condição Feminina: Maria Emília Tenório Arruda, Laurita C. Rosa, Vilma Nogueira, Maria Aparecida Arruda, Oda Salamuni e Evanira Pinheiro. Também de Janete, da Lígia Mendonça que acabou de fazer o pronunciamento, da Beatriz Matê da União de Mulheres, da Vera Moussi - do Departamento Feminino do PMDB e estão presentes também o Sindicato dos Enfermeiros do Paraná.

Concedo a palavra à Senhora Beatriz Matê - Presidente da União Brasileira de Mulheres de Curitiba.

A SRA. BEATRIZ MATÊ - Senhores Deputados, Companheiras de luta. Com certeza no dia de hoje, quem sabe, nesse momento mes-

mo, no mundo inteiro milhões e milhões de mulheres se reúnem em encontros, vão às ruas, vão às praças. As mulheres repetem nesse dia, com muito mais força e mais garra, a sua homenagem, aquelas 129 heróinas, as 129 operárias queimadas vivas por se decidirem ir à luta. E nesse ano mais alguns motivos fazem com que a gente tenha ampliado a importância desse dia, nesse ano comemoramos 80 anos da instituição do 8 de Março como Dia Internacional da Mulher. Ao mesmo tempo inauguramos uma nova década e por isso as mulheres também hoje, se reúnem, para avaliar como foi essa luta, que conquistas obtivemos nos últimos anos e apontar os rumos para as novas lutas.

E assim nós podemos dizer que no nosso país, apesar de termos registros que a luta começou há bastante tempo, os registros falam desde o século passado, nós sabemos que foi especialmente a partir da segunda metade da década de 70 que as lutas se ampliaram, tomaram mais força e que obtivemos maiores conquistas, e elas vieram especialmente na década passada.

Tivemos avanço no trabalho, na saúde, com relação ao combate à violência, na educação, conquistamos os Conselhos da Condição Feminina, as delegacias da mulher, conquistamos o país. Por outro lado o que nós notamos hoje é que especialmente a partir de fim de 86-87 as conquistas ficaram praticamente estagnadas. As delegacias da mulher no país afora, muitas delas, estão fechando; no Paraná não tivemos nenhuma a mais além das conquistadas até o final de 86. Então nós percebemos que as lutas são enormes, que muita luta temos ainda pela frente. É preciso então garantir na vida as leis que conquistamos na Constituição Federal e nas Constituições Estaduais aprovadas recentemente.

Um dos aspectos que levantamos com relação a isso e sobre o qual apresentamos uma proposta de emenda é sobre uma questão relativa à saúde: a questão do aborto. Quando analisamos a situação, a questão do aborto no nosso país a gente vê que os dados são assustadores. Independente da nossa posição pessoal, por motivo religioso ou não, independente de ele ser recomendável ou não é uma realidade que se enfrenta no País.

Dados estatísticos indicam que de três a cinco milhões de abortos são praticados em nosso País anualmente, desses, 10% resultam em seqüelas gravíssimas para a saúde da mulher. E centenas de milhares de mulheres morrem por ano em função da situação das condições em que esses abortos são realizados. Assim a gente vê que a questão do aborto deixa de ser uma questão individual para ser uma questão social hoje. E aí entra a questão da nossa emenda.

A gente sabe que esses abortos são praticados na maioria por mulheres casadas que têm dois ou mais filhos. Mas outro aspecto, ligados a isso, é a própria questão da mortalidade materna. A Lígia acaba de falar sobre a questão da saúde. E os dados do aborto engrossam os números de mortalidade materna em nosso País. A gente sabe que os casos de gravidez de alto risco, ou seja, casos de risco para a criança, ou no nosso caso especialmente. Sabemos que nesses casos é possível e a lei prevê a possibilidade de aborto. A lei prevê isso para que a mulher continue viva para cuidar e assegurar a educação de seus filhos. Apesar de a Lei prever isso, isso acaba não acontecendo. Milhares de mulheres acabam morrendo porque na hora de se levar a lei à prática isso não é possível, os hospitais não realizam, os médicos se negam e outros motivos mais.

Um outro aspecto é a questão dos estupros. São inúmeros os casos de mulheres que engravidam, vítimas de estupros, independente de idade, e muitas vezes, na grande maioria dos casos, não é resultante de problemas de ataques de maníacos sexuais mas de pessoas da própria família. Essas mulheres acabam tendo, em função da morosidade da lei, em função de não conseguir espaço, local para que se realizem, acabam tendo que levar a diante uma gravidez indesejada, independente das suas consequências morais ou de aspectos emocionais aí envolvidos. Ou acabam, muitas vezes, sendo vítimas também de abortos porque acabam recorrendo às comadres que realizam abortos com agulhas de tricô, de crochê, com sonda, com ervas e outros medicamentos fornecidos pelas farmácias.

Então, portanto, a gente sabe que é necessário mudar isso.

E, para encerrar, a gente gostaria então de solicitar aos Deputados paranaenses que conseguisse garantir na prática as leis aprovadas na nossa Constituição Estadual, que na rede pública estadual fosse garantida a possibilidade de se realizar abortos nos casos previstos em lei, garantir os direitos das mulheres, mas garantir inclusive a própria vida de centenas e centenas de mulheres no nosso Estado.

(Aplausos).

A SRA. PRESIDENTA (Irandi Pugliesi) - Ouvimos Beatriz Mate, Presidente da União das Mulheres de Curitiba.

Anunciamos a presença de Antônio Marsal Bis, Presidente da Associação de Moradores de Santa Quitéria; de Maria Gimenes Pedroso, Presidente do Grupo de Ação Feminina e Comunitária do Sítio Cercado; de Ingrid Tacaiama; de Olda Salamuni, que representa o Reitor da Universidade Federal do Paraná, Senhor José Luiz Cândido, Pre-

sidente da Federação Comunitária das Associações de Moradores de Curitiba e da Região Metropolitana; da Dra. Euceli Caminha, da Associação Brasileira de Mulheres de Carreira Jurídica, Secção Paraná; Helena Vandoski, da Associação de Mulheres de Negócios e Profissionais do Paraná; Diva Lima da Silva do Sindicato dos Metalúrgicos de Curitiba.

Nós convidamos agora para usar a palavra, a Senhora Maria Aparecida Arruda, representante da Corrente Prestista no Paraná, do Centro Cultural, Brasil - União Soviética.

A SRA. MARIA APARECIDA ARRUDA - A Corrente Prestista do Paraná e o Centro Cultural Brasil - União Soviética, cumprimenta a todas as mulheres de Curitiba, do Paraná e do Brasil, pelo Dia Internacional da Mulher. Ao mesmo tempo que não poderíamos deixar de falar sobre o grande líder ou seja o maior líder dos últimos tempos brasileiros, que é o Líder Comunista Luiz Carlos Prestes.

Aqui faremos o perfil do Herói Popular, como diz Pablo Neruda "Nenhum dirigente Comunista da América Latina, teve uma vida tão trágica e tão portentosa quanto Luiz Carlos Prestes.

Luiz Carlos Prestes, a maior e mais longa liderança popular e carismática que o Brasil conheceu em sua história política, pagou um alto preço pela coerência e fidelidade aos seus ideais: depois de ter sido o mais brilhante aluno do Colégio Militar e da Academia Militar do Realengo, na cidade do Rio de Janeiro, guerreou durante 2 anos e 5 meses, comandando a Coluna Prestes. Convidado pela liderança do Movimento dos Tenentes, não aceitou ser o chefe militar da Revolução de 1930, por discordar do programa político defendido por Getúlio Vargas. Por entender que seria uma revolução burguesa que não tocaria a fundo nos grandes problemas nacionais. Foi exilado na Bolívia, Argentina e URSS. No exílio, como engenheiro, trabalhou em projetos de construção de estradas e pontes no Oriente Boliviano; de grandes avenidas na Capital da província argentina de Santa Fé; e de usinas e fábricas na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Foi o primeiro latino americano a ser eleito membro efetivo da Comissão Executiva da Internacional Comunista, o Comintern, passando a fazer parte da cúpula mundial do movimento comunista ao lado de Joseph Stalin, Dimitri Manuilski, Georgi Dimitrov, Mao Tse Tung, Dolores Ibarruri, Palmiro Togliatti e Bela Kuhn.

Em 1935, foi aclamado presidente de honra da ANL - Aliança Nacional Libertadora, primeira grande frente de massas anti-imperialista e anti-fascista, da América

Latina, e chefioou o primeiro levante contra o fascismo no mundo, fazendo com que o PCB fosse o primeiro partido comunista das Américas a deflagrar uma insurreição armada. Capitão do exército brasileiro, dele foi expulso duas vezes. Preso, foi condenado a 46 anos e 8 meses de prisão pelos tribunais militares da ditadura Vargas. Durante quase uma década, sua coragem, dignidade e honradez como preso político no trata com as forças de repressão da ditadura Vargas entraram para a história da resistência anti-fascista. Cumpriu 9 anos de cadeia no mais completo isolamento. Sua mulher, a revolucionária alemã, Olga Benário Prestes foi presa e deportada para a Alemanha nazista vindo a falecer no campo de extermínio na cidade de Bernburg - na câmara de gás - no ano de 1942. Só veio a conhecer sua filha Anita Leocádia Prestes 9 anos depois de seu nascimento. No falecimento de sua mãe, Leocádia Prestes, que se encontrava exilada no México, estava presa, não comparecendo no enterro apesar dos esforços do presidente Lázaro Cárdenas para obter a permissão junto ao governo de Getúlio Vargas.

Viveu 21 anos exilado e 27 anos na clandestinidade. Em 1947 foi cassado seu mandato de senador mais votado do Brasil conseguido nas eleições de 1945, e no dia 1º de abril de 1964, seu nome encabeçou a primeira lista de cassações de direitos políticos de personalidades brasileiras assinada pela Junta Militar que depôs o presidente João Goulart. Foi anistiado duas vezes (1945 e 1979).

Conquistado para os ideais comunistas pela leitura do livro "O Estado e a Revolução", de Lenin, levado ao exílio na Bolívia pelo fundador e primeiro Secretário-Geral do PCB, o escritor e jornalista Astrogildo Pereira, Luiz Carlos Prestes foi durante quase 40 anos líder e Secretário-Geral do Partido Comunista Brasileiro. Sob seu comando e liderança estiveram nomes famosos na vida militar e política do País: Juarez Távora, Siqueira Campos, Cordeiro de Farias, Miguel Costa, Agildo Barata, Apolonio de Carvalho, Giocondo Dias, Carlos Lacerda, Jacob Gorender, Mário Alves, João Amazonas, Carlos Marighela, Gregório Bezerra, Salomão Malina, Francisco Mangabeira, Roberto Freire. No início da década de 80 rompe espetacularmente com o PCB divergindo do grupo reformista que conseguiu a hegemonia dentro do aparelho partidário.

Na véspera de completar seus 90 anos (03 de janeiro de 1988), numa rara e extraordinária atitude, rejeitou uma pensão vitalícia equivalente a 10 salários mínimos aprovada por unanimidade pela Câmara Municipal da cidade do Rio de Janeiro,

alegando que não seria justo receber a homenagem justamente no momento em que a prefeitura realizava uma série de demissões de trabalhadores e pais de famílias, usando como argumento a falta de dinheiro. Esse belo exemplo de dignidade atestou, mais uma vez, que Luiz Carlos Prestes se conservou íntegro pelo tempo afora.

Finalmente, indicado pelo governador Leonel Brizola para ser o presidente de honra do PDT (Partido Democrático Trabalhista), Luiz Carlos Prestes respondeu ativo ao tomar conhecimento do fato:

- "Agradeço a homenagem, porém, isso não diminui em nada o meu espírito crítico, nem minha independência política".

Que a juventude se mire no herói.

No dia 06 de março de 1990, com a idade de noventa e dois anos e dois meses, faleceu na cidade do Rio de Janeiro o único revolucionário brasileiro com prestígio e estatura mundial.

Sua legenda atravessará os séculos.

Morreu deixando sua mulher, Maria Ribeiro Prestes, dez filhos e treze netos.

Muito obrigada.

A SR.^a PRESIDENTA (Ironi Pugliesi) - Ouvimos a palavra da Senhora Maria Aparecida Arruda, representando a Corrente Prestista do Paraná e o Centro Cultural Brasil-União Soviética.

Nós queríamos anunciar, agora e com muita satisfação, o Cônsul do Senegal, Doutor Ozeir Moura dos Santos e também da Sociedade Consular do Paraná; o Cônsul da Polônia, Wenceslau Klimas; o Cônsul do Paraguai, Doutor Carlos Maria Gaona Velázco; o Cônsul da Síria, Doutor Abdo Abbage.

Também recebemos mensagem do Senhor Francisco Gomide, da COPEL; do Senhor Ronis Ribeiro Laines, dos Correios e Telégrafos; de Plínio Cachoba, Corregedor da Justiça; do Senhor Wilson Reback, Desembargador.

Anunciamos ainda, a a presença da 1.^a Tenente, Rita Aparecida de Oliveira, e da 2.^a Tenente, Claudete Toniottim representando o Comando Geral da Polícia Militar do Paraná e a Polícia Militar Feminina, também da poetisa Leonor Borges Vieira; também de Maria de Castro, Presidenta da Associação Brasileira da Raça Negra; da Dr.^a Graziela de Lamartine Barbosa, representando o Instituto da Previdência do Estado; de Maria Cecília Araújo de Noronha, Diretora do Museu de Arte Contemporânea do Paraná, representando o Senhor Digníssimo Secretário da Cultura, Doutor René Dotti, da Dr.^a Solange Vildemasters, representando o Conselho Regional de Medicina do Paraná; Anice Mesmar, Presidenta da Associação de Calosboradores da Escola para Surdos; de Elizabeth Endrix, representando a EMATER; e com muita satisfação, do nosso

companheiro de trabalho, Dr. Olívio Sotto Maior Neto, Promotor da Defesa dos Direitos e Garantias Constitucionais.

Queremos anunciar agora a palavra de uma das nossas colegas de trabalho que milita no dia-a-dia conosco aqui na Assembleia, a Deputada Amélia Hruschka que é Líder do PRN nesta Casa.

A SR.^a AMÉLIA HRUSCHKA - Senhora Presidenta que dirige o destino desta reunião; senhoras que compõem esta Mesa; Senhores Deputados, Senhoras Deputadas.

As comemorações deste ano alusivas ao Dia Internacional da Mulher ganharam destaque diante do trabalho do Conselho Estadual da Condição Feminina do Paraná. A partir de hoje estão programadas uma série de atividades, debates, discussões, exposições de trabalhos e apresentações artísticas relativas à data.

Nesta oportunidade, Senhores e Senhoras Deputados, quero fazer um registro em dois planos sobre o Dia Internacional da Mulher. No primeiro plano, quero abordar a questão internacional, lembrando a atuação de dirigentes políticos internacionais como Margaret Thatcher na Inglaterra, Corazón Aquino nas Filipinas, Benazir Butho no Paquistão e, recentemente, Violeta Chamorro na Nicarágua. Essas mulheres têm em comum a determinação histórica de melhorar as condições de vida dos povos que representam, resgatando as esperanças na construção de um mundo melhor.

Temos aqui nesta Mesa, no Estado do Paraná, a representante da mulher paranaense, da Secretaria de Educação do Governo Álvaro Dias, professora Gilda Poli, que muito nos honra e nos engrandece por ter esta mulher de garra, de coragem de luta, mas acima de tudo, de amor por esta terra e por esta gente.

Nossos agradecimentos ao Governador Álvaro Dias que trouxe de volta esta grande mulher que faz representar neste instante, nesta Casa.

No plano nacional existe um significativo avanço no crescimento do número de lideranças femininas no cenário político nacional. E as indicações de mulheres para compor o ministério de Fernando Collor de Mello: Zélia Cardoso de Mello no Ministério da Economia e Margarida Procópio no Ministério de Ação Social, demonstram que o futuro Presidente da República confia na competência e na capacidade das mulheres deste País e, por isso, merece nosso apoio e nossa solidariedade ao resgatar em partes o papel destinado às mulheres na direção política da esfera federal.

(Lê): "Na qualidade de Deputada Estadual pela segunda legislatura, mãe de quatro filhos, oriunda de uma região eminente

temente agrícola, posso testemunhar a situação de penúria em que vive a mulher do campo, condenada a dupla jornada de trabalho e sem receber os direitos de aposentadoria recebidos pelo homem do campo, o trabalhador rural. Trata-se de uma grande injustiça que ainda não foi devidamente regularizada, assim como a existência em todo o País de 18 milhões de trabalhadoras, sendo que apenas aproximadamente 5 milhões tem carteira profissional assinada. O número de mulheres que trabalham e não tem carteira profissional assinada é de aproximadamente 13 milhões, além dos problemas nacionalmente conhecidos de discriminação no trabalho, desigualdade salarial e de oportunidades, demissões em caso de gravidez e muitas empresas que exigem laqueadura de suas funcionárias. Essas injustiças se configuram em verdadeiros crimes contra a mulher e contra o próprio País, porque são os filhos destas mulheres, os futuros cidadãos, as futuras gerações que receberão na infância e na adolescência os problemas e as cicatrizes psíquicas, morais, intelectuais e financeiras de uma situação desfavorável à convivência harmoniosa no lar.

Neste Dia Internacional da Mulher fazemos um apelo a todas as autoridades, aos homens de bem deste País, para que reflitam sobre a situação de vida da mulher brasileira, comparando com os padrões internacionais que regem a convivência em igualdade de condições, com a mesma dignidade, para que interfiram de forma racional e responsável nos trabalhos e iniciativas que visem a melhoria das condições de vida e de trabalho da mulher brasileira.

Obrigada!"

(Termina de ler).

A SR.^a PRESIDENTA (Irondi Pugliesi) - "no vimos as palavras da Deputada Amélia Bruschka, Líder do PRN nesta Casa.

Convidamos agora, para fazer uso da palavra, a nossa companheira, também Deputada, Vera Agibert, que hoje é a nossa 1.^a Secretária desta Mesa.

A SR.^a VERA AGIBERT - Senhora Presidenta, Senhoras e Senhores Deputados, Senhora Secretária, Professora Gilda Poli, Senhoras esposas dos Deputados Estaduais, companheiras. (Lê).

"Sinto-me honrada em estar presente a este ato e poder falar não só como mulher, mas como parlamentar, a mulher que vai à luta, na tentativa de superar os preconceitos em defesa da condição feminina.

Sei que assuntos da mais alta relevância aqui estarão sendo discutidos evidenciando que a mulher mais a mais. Quer e se faz presente, nas discussões do destino da

nação, participando ativamente em nosso meio sócio-cultural, econômico e político.

Longe vai o tempo em que a mulher se limitava tão somente às tarefas que as circunscreviam a ação da condição puramente feminina.

A mulher de hoje, a mulher de nosso tempo, vai à luta ela não deixa sua responsabilidade de dona de casa e de geradora de novas gerações. A mulher de hoje não se confina a dura realidade da vida moderna se lança a novos espaços, a busca de auto-realização. Em todos os campos as oportunidades vão sendo conquistadas e se coloca à mostra que a mulher de nossos dias pode contribuir de forma marcante de forma acentuada de forma competente.

A mulher de nossos dias desponta não só nas letras e nas artes, mas assume em escala crescente papéis de destaque na vida nacional. Um dos campos reservados tão somente à atuação puramente masculina, será ocupado em futuro bem próximo por uma mulher num dos cargos mais respeitáveis no fechado clube dos grandes economistas nacionais e assim, poderíamos continuar lembrando grandes mulheres que marcaram e que ainda estão presentes no Brasil de hoje mesmo.

Mas eu quero homenagear e enaltecer a figura humilde da mulher do campo que de sol-a-sol labuta na difícil tarefa do preparo da terra e do cultivo do solo, que com a rudeza de suas mãos calejadas pelo rígido trabalho, umedecido suor, lança à terra a semente benfazeja que alimenta os filhos da gloriosa pátria.

Da mulher sofrida de todos os níveis sociais, que acima de tudo, é mãe companheira administradora e economista do lar. Lembrem da figura da mulher mãe que os embalou e os acariciou nos momentos em que você se sentiu desprotegido e ainda hoje, você doutor, você Deputado, você Juiz, você Ministro de Estado, clama intimamente a sua mãe.

Porém uma lição deverá ser de singular magnitude na luta do dia-a-dia, num momento de busca e desencontro, a mulher incansável luta pela igualdade de oportunidade, luta pela plenitude democrática.

Para que as novas gerações de mulheres continuem esta luta com mais facilidade e maior compreensão, ao finalizar minhas palavras, quero homenagear uma mulher paranaense.

A poetisa Helena Kolody, que ainda hoje com seus 78 anos de idade continua trabalhando e escrevendo poemas sobre o nosso Paraná.

Helena Kolody de família simples descendente de imigrantes ucranianos nascida em Cruz Machado-Pr.

É exemplo da mulher forte, dedicada e lutadora, que traz consigo a coragem e a

Dedicando sua vida à cultura paranaense, e a causa feminina.

Em nome do Paraná e das mulheres,
Muito OBRIGADA, Helena.

A SRA. PRESIDENTA (Ironi Pugliesi) - Ouvimos a palavra de nossa companheira Deputada Vera Agibert.

Ouviremos agora a palavra da nossa companheira, Deputada Arialba Freire.

A SRA. ARIALBA FREIRE - Sra. Presidenta da Mesa, Sras. e Srs. Deputados, Sra. Vereadora, Lideranças de Movimentos Femininos, convidados que nos prestigiam, Srs. e Sras.

Em nome da Bancada do PDT quero deixar registrado nesta Casa o nosso apoio à luta e o reconhecimento ao trabalho feito. (L3)

"AS QUE VIERAM ANTES
ABRIRAM TRILHAS NA SELVA.

SÃO NOSSAS, HOJE,
AS OPÇÕES,
AS CONQUISTAS,
AS DESCOBERTAS.
PERSISTEM EM NOSSO MAPA
OS ROTEIROS QUE TRAÇAMOS.

PERDEM-SE PARA NÓS
OS CAMINHOS
QUE NÃO GUARDAM
O TIMBRE
DE NOSSOS PASSOS."
(HELENA KOLODY)

É por isso que para nós, mulheres, este oito de março não passa despercebido. Não passa despercebido o oito de março dos oitenta anos do dia internacional da mulher, porque ele guarda, numa coleção muito viva, o timbre dos passos das mulheres de todo o mundo, contra a opressão, a marginalização e a desigualdade, construídos sobre o estigma da diferença biológica.

Primeiro éramos diferentes depois, tornamo-nos desiguais.

Contra essa desigualdade, forjamos nossa luta... E a história, as opções, as conquistas, as descobertas, reveladas na tessitura do poema da padroeira da romaria da poesia paranaense, Helena Kolody, não perdem para nós, porque guardam o timbre dos nossos passos.

É possível, para nós mulheres, não ouvir o timbre dos passos das 129 trabalhadoras da fábrica Cotton, de Nova Iorque que, em 1857, foram queimadas vivas durante uma manifestação de paralisação contra as condições em que trabalhavam?

Não, não é possível deixar de ouvir o timbre desses passos, quando milhares de mulheres continuam ardendo nas mesmas cha-

mas.

As chamas da desigualdade, da injustiça e da opressão.

Será que não ardem tanto quanto às chamas de 1857, as chamas que ao nosso tempo, a mulher enfrenta, trabalhando mais e ganhando menos? Sendo mais e partilhando minoritariamente do poder? Milhões de mulheres brasileiras queimando pela falta de casa, de pão, de escola, de trabalho. Queimando por falta de dignidade.

Em Nova Iorque foi feito com líquido inflamável. Nos nossos dias, não menos cruel, a tortura feita na forma velada ou acintosa de discriminação. Discriminação essa não feita só pelos homens, discriminação essa mais doída e mais pesada feita pela própria mulher. Não vamos mascarar a realidade. Discriminação do ciúme, da inveja.

Há que se lembrar, sempre, do oito de março, sobretudo no Brasil, onde as mulheres trabalham tanto, com tão poucas condições. No Brasil onde a mulher trabalhadora grevista é queimada sumariamente pela chama da demissão ou, se grávida, da não admissão. O período fértil da mulher vai aproximadamente até a faixa de 45 anos pouco mais ou menos. Se a mulher não pode ter filhos porque não consegue emprego então, a mulher tem que parar de ter filhos para poder trabalhar e deixarão de nascer os homens.

Umas máximas que precisam ser bastantes analisadas de São Paulo, apóstolo: "Que as mulheres aprendam no silêncio a sua sujeição." Ou de Platão: "Se a natureza não tivesse criado as mulheres e os escravos, teria dado ao tear a propriedade de fiar sozinho." Ou de Xenofontes: "Os deuses criaram a mulher para as funções domésticas, o homem para todas as outras."

Não é difícil imaginar que, se para as mulheres de todo o mundo, a estupidez milenar que vislumbrava na mulher a figura de um ser inferior e dependente, a tradução disso para o Brasil deu-se de forma ainda mais cruel. Uma colônia pobre, com cultura transplantada das missões jesuítas da igreja católica portuguesa.

A situação da mulher no mundo, a discriminação e o preconceito contra ela foram a temática da Segunda Conferência de Mulheres Socialistas, realizada em Copenhague, há oitenta anos, quando instituiu-se o Dia Internacional da Mulher, hoje. Quando nos reunimos nesta Casa não podemos deixar de levantar essas questões, muito embora seja necessário reconhecer as nossas conquistas. Não foram poucas e nem fáceis.

Há muito caminho por onde deixar o timbre dos nossos passos, sobretudo nessas duas décadas em que a intensa atuação do

feminismo alcançou o "status" de um movimento de massas, formando uma consciência a respeito da importância da transformação da condição da mulher, legitimou, desta forma, o debate em torno da questão, antes relegado a um plano marginal, tanto a nível político, quanto científico.

A nomeação de duas mulheres para os ministérios representa um marco na nossa história. É o início da derrubada da discriminação contra a mulher. E não são poucas mulheres, são duas, duas para os ministérios mais difíceis e mais conturbados. Eu não fui Collor, eu não sou Collor, mas quero deixar os meus cumprimentos e o meu reconhecimento a este homem que nomeou estas mulheres para os ministérios mais difíceis. Ele reconheceu a capacidade da mulher, ele reconhece a mulher como a doutora em economia, aquela que sabe administrar o seu lar, a sua casa, a sua vida. E eu não vou cobrar nada dessas duas não, porque eu tenho certeza de que elas vão dar o que elas têm de melhor. Porque a mulher quando se propõe, se dedica a uma tarefa, ela leva a fundo aquela questão. Eu tenho certeza de que elas serão vitoriosas.

A mulher não pode ser reconhecida, privilegiada, admirada, só pelo fato de ela ser mulher, não. Ela tem que provar competência, ela tem que provar capacidade. Seja ela varredora de rua, professora, médica, magistrada, seja lá o que for. Não é pelo fato de ser mulher que nós queremos ser privilegiadas.

Para a grande maioria das sociedades ocidentais o movimento de mulheres constitui hoje uma realidade e uma inegável força política. Entretanto, talvez, a força maior, mais importante, menos aparente do movimento esteja na semente de questionamento e reivindicação que surge na consciência das mulheres que vivendo anonimamente o seu cotidiano vem tentando transformá-lo e recriar a sua criação com o mundo, com os companheiros, com os filhos, consigo mesmas. É a mulher emergindo do silêncio milenar. É sobretudo, da recriação da relação da mulher com o poder que quero falar. Há quanto ouço dizer que no Brasil, negro não vota em negro, pobre não vota em pobre e mulher não vota em mulher. Como, se através de uma regra simplória fosse possível explicar o fato pelo qual as mulheres não ocupam espaços mais amplos na conjugação com o poder. Claro que a compreensão disto passa pela própria formação cultural do homem brasileiro, colocando sempre a figura masculina ao centro do poder e a mulher às suas adjacências. E isto é formado principalmente pela mulher mãe; quando ela tem um filho o primeiro presente que ela dá para o filho é uma bola como quem diz: bola, símbolo da liber-

dade - Sai, meu filho, corre, vai, conquista o mundo. E para a menina uma boneca, como quem diz: segura o teu filho - o teu papel é este. Brinquedo não tem sexo, gente. Basta comparar para isto a realidade da mulher brasileira com o conceito empalhado, por exemplo, pela feminista Simone de Beauvoir. Simone rejeita todas as diferenças essenciais entre a mulher e seu par. Não nega a diversidade dos sexos pois que se trata de realidade indisfarçável, mas entende não ser o corpo objeto que existe concretamente mas o corpo vivido pelo sujeito. Assim, o corpo não é uma simples determinação orgânica, mas aquilo que dele eu exijo. Em outras palavras o homem é másculo à medida em que considere correto ser viril. A mulher é uma fêmea na medida em que lhe apraz ser como tal. Portanto a ocupação da lacuna da mulher no poder é feita logicamente pela busca dessa participação e pelas oportunidades que a sociedade enseja por isso.

Dá a necessidade da realização e multiplicação de eventos como este, mas a necessidade imensamente maior de levar este debate para as ruas, para as fábricas, nos centros comunitários, nas escolas e na comunidade, municiando a mulher de argumentos e mecanismos de organização para reivindicação e conquista de seus direitos, porque as obrigações nós já sabemos demais.

Sra. Presidenta, Sras. e Srs. aqui presentes, assumi uma cadeira nesta Assembleia Legislativa por um breve espaço de tempo e um jornal até deu-me uma idéia, emitiu uma opinião e eu achei brilhante. Alegria de pobre dura pouco, porque o meu espaço, o meu tempo, a minha permanência aqui é muito curta. Realmente alegria de pobre dura pouco. Agora, eu pergunto, pobre de quem? Pobre da região oeste que eu represento. Porque da região que vai ficar orfã, sem uma mulher de garra, que luta. Luta pela mulher. Não que eu faça discriminação, porque voto não tem sexo e eu não sou Deputada só de mulher ou só de homem. Mas eu defendo principalmente as mulheres, porque pela nossa posição social, pela nossa condição física nós somos mais frágeis. Luto pela criança desassistida, porque não existe criança abandonada. Existe criança desassistida que é responsabilidade do Governo e o Governo cruza os braços e nós estamos formando escolas de marginais. Eu estou pedindo cadeira para a minha cidade. É uma vergonha. Não tem. Mas se tivesse escolas, se o Governo cuidasse dessas crianças eu não precisaria pedir cadeira. Pobre da minha região: alegria de pobre dura pouco mesmo.

Assumi uma cadeira nessa Assembleia Legislat. em função do afastamento de outro parlamentar e logicamente não poderia

esquivar-me à responsabilidade de, na semana da mulher, quando comemoramos os 80 anos de Dia Internacional da Mulher, registrar a nossa luta, a nossa luta da Região Oeste, ensejando esse debate e trabalhando com a mulher do Oeste pelas conquistas latentes a uma vida digna. Eu sou professora, mãe, avó, esposa, trabalho no comércio, sou parlamentar. Fui Secretária de Educação e Cultura no meu Município. Como vereadora eu criei o Conselho da Mulher em Foz do Iguaçu. Luto desde que entrei como vereadora, pela criação da Delegacia da Mulher em Foz do Iguaçu. Entra Governador, sai Governador; entra Secretário de Segurança, sai Secretário de Segurança e continuam me enrolando. É difícil!

Como Secretária de Cultura implantei vários projetos: palco sobre rodas, telão nas ruas, biblioteca ambulante, como Secretária de Educação implantei a obrigatoriedade do pré-escolar em todas as escolas municipais, e, principalmente muito antes do Governo Estadual fazer a lei de eleição direta para diretores nas escolas, eu fiz em Foz do Iguaçu. Foi, acredito talvez, não sei, Secretária, uma das primeiras cidades a deixar a comunidade - pais e professores - escolherem a sua diretora.

Que as diferenças entre sexos não se traduzam em relações de poder que permeiam a vida de homens e mulheres em todas as suas dimensões: no trabalho, na participação política, na esfera familiar e em outros espaços. Para a realização desta proposta não existem respostas prontas e acabadas, essas se constroem na reflexão e na prática deste movimento recente-vivo, cujos rumos se orientam a partir da experiência coletiva que se acumula a cada momento. Eu gostaria de citar aqui um elogio, ou mais, um reconhecimento que nós, mulheres, recebemos, do então Ministro da Marinha o Almirante Maximiliano da Fonseca. Quando eu lhe perguntei o que ele achava da participação das mulheres na marinha que foi através dele que as mulheres começaram a trabalhar na marinha, ele me respondeu o seguinte: "Professora se eu soubesse que a mulher daria tão certo, que fosse tão boa assim para a Marinha, eu juro que há muito tempo eu já a teria colocado!"

Aqui nesta Casa eu fui recebida não como mulher. Eu quero deixar isso aqui registrado. Eu fui recebida como "um Deputado", igual a todos os outros, eu não senti aqui dentro discriminação. Mas gostaria de deixar registrado a todos os colegas Deputados, que nunca se esqueçam que o homem que discrimina esqueceu que nasceu de uma mulher.

Obrigado!
(Palmas)

A SRA. PRESIDENTA (Ironi Pugliesi) -

Ouvimos a palavra da Deputada Arialba Freire e quero justificar a saída das nossas Deputadas Vera Agibert e Amélia Hruscka que têm uma reunião agora, às 16 horas, na CPI da Saúde. Quero anunciar a presença de Isabel Mendes Presidenta do Conselho Municipal da Condição Feminina de Curitiba e de Leontina que é a 1ª. Tesoureira da Associação de Moradores do Jardim Aliança e Santa Cândida que cumpri-menta as companheiras pelos 80 anos de luta pelos direitos de mulher. E gostaria de fazer um agradecimento especial à Dra. Lúcia Maria Veiga Segall que é Diretora do Departamento Legislativo, que tem sido nossa companheira nesta Casa ocupando um cargo tão importante e nos ajudando e contribuindo com sua sabedoria e competência, ela é uma mulher muito capaz, nos nossos projetos relativos aos Direitos da Mulher. Deixamos os cumprimentos nossos, Doutora Lúcia, de todo o Conselho da Condição Feminina e das mulheres paranaenses que lhe devem este trabalho.

Gostaria de agradecer também às nossas colegas de trabalho, que estão diariamente aqui conosco, que são as taquígrafas e também os taquígrafos, que dão apoio para que nós cheguemos à vitória de nossas conquistas.

Vou conceder a palavra agora a uma mulher que temos citado como exemplo. Esta mulher é a Tina Afonso Lopes, nossa mulher símbolo de luta em relação à violência contra a mulher. Tina Afonso Lopes sempre foi muito corajosa e sempre foi um exemplo de luta a nós, mulheres. Tina, receba o nosso abraço e ocupe a tribuna desta Casa.

A SRA. TINA AFONSO LOPES - Gostaria de agradecer a oportunidade de estar aqui presente e fazer uso da palavra.

Quando se trata do tema "Violência", acredito que fica muito fácil se falar sobre ela, porque é um assunto que desperta curiosidade e tem ressonância em qualquer roda a qual a gente se propõe a falar deste assunto. Até é um momento de se refletir e começar a pensar em determinadas coisas que realmente vão construir uma sociedade nova e justa. Porque quando estamos conversando num grupo de amigos, quando se fala bem de uma pessoa, ou quando se fala bem de uma atitude, ou de um Parlamentar, de uma medida que vai trazer benefício para a população, este assunto se esvazia, não tem ressonância. Mas quando se fala mal de alguém, quando se agride alguém, quando se fala de um tema de violência, todo mundo tem uma história para contar, todo mundo tem um comentário para fazer, todo mundo quer falar.

A gente tem que pensar em termos do

que a sociedade está valorizando. O que a gente está valorizando enquanto pessoa, enquanto pessoa pública, enquanto membro participante de uma sociedade. E é até de se perguntar o porquê estamos aqui comemorando este Dia das Mulheres. Por que se comemora um dia específico no ano para comemorar o fato de ser um membro da sociedade. Isto está dentro de uma discriminação que existe. Isto vem de um marco histórico onde mulheres foram queimadas porque reivindicaram um direito muito justo, que era a diminuição de uma carga de trabalho. São estes os questionamentos que a gente deve fazer.

Venho hoje aqui como representante, como a própria Irondi disse, um símbolo. Muitas vezes me questionei em relação a isto. Por que símbolo? Símbolo de quê? A única coisa que fiz foi ir atrás dos meus direitos. Porque acho que a partir do momento em que você é violentado, em que você é agredido, isto não pode passar como uma coisa natural, como uma coisa banal. E o que acontece hoje é que as pessoas comungam o sentimento de impunidade. Nós somos omissos diante da prática judicial que impera em nosso País. E esta prática só vai mudar, a legislação só vai passar a ser cumprida e adequada às necessidades, quando as pessoas se movimentarem, quando as pessoas lutarem e brigarem por isto. Quando sair de dentro das quatro paredes de casa de cada um a simples discussão e crítica. Porque é muito fácil a posição de criticar. É muito simples. E a gente vê hoje um grande avanço na nossa Constituição Estadual. Agora, só vai existir na prática se houver um clamor da população, se as mulheres estiverem realmente organizadas. E esta organização ela é fundamental na conquista de nossos direitos.

Pode ser um pouco de presunção, mas muitas pessoas me param na rua, tenho conversado com muita gente, não só do tema de violência, mas também na questão de queimaduras e eu vejo que a repercussão, o papel da imprensa, a divulgação destas coisas, só tendem a progredir a conquista da mulher. Isto é muito importante. E como o próprio slogan do Conselho Nacional diz: "O Silêncio só contribui para o aumento da violência". A gente precisa perder a discriminação porque as mulheres se autodiscriminam, elas se sentem culpadas, se sentem comprometidas com essas causas. Então isso só tende a levar à situação em que a gente se sente hoje. É preciso que as mulheres saiam às ruas, que ocupem o seu papel. E hoje mesmo na Universidade vivi um momento, hoje, no Dia Internacional da Mulher, de extrema violência. Eram calouros que estavam entrando na Universidade e que se sentiam no direito de mexer com todas as meninas que passavam no corredor. E a

mulher vê isso como um fato normal. Então essa eu acho que é a questão mais séria, elas não sentem isso como violência. Então o caminho que eu vejo é o de se poder realmente começar a questionar, a se posicionar e enfrentar. Por que não, é perder a vergonha. E como a própria música da fé "Baha-i" tem colocado, vamos conquistar uma mulher melhor! Eu acredito que a mulher só tende a ser melhor, nós temos muitas coisas boas a dar. São muitas as nossas qualidades e têm que ser colocadas para fora, temos que externar isso para caminhar, avançar nessa sociedade. O nosso papel é fundamental, o papel das entidades de mulheres, do Conselho Estadual da Condição Feminina, o Conselho Municipal da Condição Feminina têm que estar presentes nesta luta. Acredito muito na união das mulheres em termos de entidade, é essa entidade, é essa força política que vai abrir espaço, que vai abrir caminho e que realmente é através desta organização que vemos conquistar um mundo, um estado, uma cidade, uma condição mais justa.

Era isto que eu tinha para falar, obrigada!

A SRA. PRESIDENTA (Irondi Pugliesi) - Ouvimos a Sra. Tina Afonso Lopes, mulher-símbolo na luta da violência contra a mulher.

Anunciamos a presença da Vereadora Rosa Maria Chiamulera, Presidenta da Associação Boca Rouge de Curitiba.

Queremos lembrar às companheiras e refazer o convite para o Encontro Latino-Americano denominado "Feminismo - Avaliação dos Anos 80 e Caminho dos Anos 90", que será realizado no Edifício Castelo Branco - Centro Cívico. Dias 26, 27, 28 e 29, com a presença de mulheres líderes feministas a nível nacional.

Gostaríamos de contar com a presença das companheiras também para o Encontro de Sexualidade, denominado "O Masculino e o Feminino na Educação, Saúde e Cultura", e quero fazer um convite especial à Secretária Gilda Poli. Nós queremos discutir principalmente a questão da sexualidade na educação, porque temos recebido das professoras um apelo muito grande no Conselho para enviarmos a cartilha que elaboramos sobre sexualidade. É uma necessidade que os professores estão sentindo de os adolescentes se informarem a respeito deste problema. O Encontro será do dia 15 a 17, em Curitiba, no Interpalace, Centro de Eventos, Rua XV de Novembro. É uma promoção do Conselho da Condição Feminina, da Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana do Paraná com o apoio do BANESTADO.

Convidamos Dilma Maia Pereira, representando a Confederação Geral dos Trabalhadores - CGT.

A SRA. DILMA MAIA PAREIRA - Vou terminar com o primeiro grande preconceito de minha vida que não é contra a mulher. Sou comunista, membro do Partido Comunista Brasileiro. Sou mulher, sou mãe, sou filha, sou irmã, sou professora, sou sindicalista, sou funcionária pública, sou artista, sou amiga, sou companheira, sou batalhadora.

Nesses 50 anos de minha vida eu tenho sentido que não houve discriminação nem diferença entre homem e mulher e ainda por cima, sou Nordestina e negra, não houve discriminação contra a minha situação de mulher, a fome, a miséria, a falta de dinheiro, as outras discriminações econômicas e que levaram o operário vindo do Nordeste, colocando quatro filhos nesse Estado, que deram o seu sangue e estão dando por este Estado, sem discriminação e indiferenças. Nós chegamos a galgar todos os passos, e isto foi uma demonstração daquele velho mecânico, que nos mostrou que é possível que não haja discriminações. Nós podemos galgar tudo, desde que haja um processo de luta ideológica, é na ideologia na luta comum do dia a dia, que nós podemos demonstrar que não existem diferenças. Existem uma luta comum, as diferenças e as discriminações existem dentro de nós.

Hoje eu conversei com meu guru e o guru disse para mim: "O anti comunismo não está nos outros, está dentro de vocês".

Então a todas as mulheres hoje, que limpem e esvaziem de dentro de si, as suas discriminações e todas os seus anti, e por essa mulher nova de novos valores, o Partido Comunista Brasileiro, a CGT, e Síndicos Servidores, homenageia nesse dia, porque se elas um dia tecelãs ou não, foram queimadas, que nós hoje exorcisemos todos os outros nossos demônios.

(Palmas)

A SRA. PRESIDENTA (Irondi Pugliesi) - Nós ouvimos a Confederação Geral dos Trabalhadores.

Chamamos para fazer uso da palavra Ceres Coimbra Luchering, representante da União da Juventude Socialista.

A SRA. CERES COIMBRA - Boa tarde. A União da Juventude Socialista, ela nesse dia 08 de março, vem demonstrar a sua preocupação com respeito ao jovem e principalmente a mulher jovem.

O jovem, a mulher jovem, ela foi criada na Sociedade, é criada hoje ainda, para receber seu príncipe encantado, para esperar aquele que vai torná-la mãe.

Só que a gente sabe que na sociedade que hoje está aí, ela acaba sendo estuprada, sendo discriminada, e acaba muitas vezes nas ruas, acaba se prostituindo, acaba

virando uma menina de rua, como tantas que existem em nosso País.

Essa menina de rua, não tem nenhuma perspectiva futura para a sua vida. Muitas jovens dessas, um milhão de jovens a cada ano, de dez a dezenove anos, acaba engravidando, acaba sem nenhuma informação, sem nenhum conhecimento sobre o seu corpo, sem nenhum conhecimento sobre os métodos anticoncepcionais, fazendo abortos clandestinos, acaba muitas vezes levando a morte dessas meninas, podemos dizer.

Nós hoje, viemos aqui, e até estamos pedindo aos Parlamentares pela educação sexual nas escolas, a gente acha que a educação sexual, hoje é fundamental, para que o jovem possa discutir a questão da sexualidade, possa ficar bem informado, por essa questão, que ele não sabe e que ele tem um grande interesse em saber.

Lutamos por centros de formação e orientação para o jovem a respeito do sexo.

Hoje o jovem na nossa sociedade, ele está sendo reprimido sexualmente, a moral, a desinformação, os meios de comunicação, a própria campanha anti AIDS, trata a questão da sexualidade, como uma coisa a reprimir, uma coisa que é feita, que é tabu, que é preconceito.

Não trata a questão da AIDS, a questão das doenças transmissíveis, como uma questão de saúde.

Nós achamos ainda, que a Sociedade em que vivemos capitalista trata o sexo como um comércio, vê o sexo como uma coisa só conquistável por pessoas bonitas, com carros do último ano e não vêem como uma questão de relação humana. Nós achamos que os jovens e a mulher jovem tem que conquistar, através de muita luta, este espaço. Nós achamos que o Governo que vem aí tem um rótulo novo, mas com um conteúdo muito velho. Não é diferente dos Governos que já estiveram aqui tanto tempo. Achamos que é necessário nós nos unirmos, e fazer uma grande e ampla posição popular, porque achamos que o acesso a tudo isso que queremos, a saúde, o direito à liberdade, a uma vida sexual livre e tranqüila, a moradia, ao emprego, ao saber, à cultura, nós só iremos conquistar numa outra sociedade. E que vai precisar de muita luta e de muita organização. E que as mulheres jovens, que são muito discriminadas, eu acho que vão estar nesta luta e vão abraçar isto, que elas já tentam abraçar hoje. Então, pedimos muito carinho nesta questão da educação sexual nas escolas e a questão do aborto, e de centros de orientação a respeito da sexualidade.

(Palmas)

A SRA. PRESIDENTA (Irondi Pugliesi) - Ou-

vimos as palavras da Sra. Ceres Coimbra, representando a União da Juventude Socialista. Convidamos, para fazer uso da palavra, Janette Argenton, representando a Comunidade Baha'i de Curitiba. E enquanto a Janette sobe à Tribuna, nós convidamos as companheiras para o ato às 18 horas, na Boca Maldita, onde estarão participando, deste show, cantores aqui de Curitiba. E também teremos uma caminhada até a Praça Santos Andrade, às 17:30 h.

A SRA. ZANETTE ARGENTON: LÊ: "A comunidade Internacional Baha'i sente-se honrada e feliz por participar desta comemoração, e cumprimenta a todos homens e mulheres, aqui presentes, que trabalham pela evolução da sociedade humana.

Permitam-se apresentar uma parte da proposta Baha'i que tendo apenas 145 anos, hoje já é uma realidade.

Desde o momento que a sociedade humana constituiu-se de dois gêneros, o masculino e o feminino, cada um complementando o outro, a felicidade e estabilidade da humanidade não podem ser asseguradas a menos que os dois estejam em harmonia. Portanto, a oportunidade e a condição do homem e da mulher devem igualar-se" (Das escrituras Baha'is).

A fé Baha'i é uma nova revelação religiosa fundada por Baha'u'llah, em 1844, na antiga Pércia e proclama um grande e profundo amor capaz de unir todas as raças e todos os povos numa fraternidade humana global.

É uma religião mundial com seguidores em mais de 150.000 localidades, nos 5 continentes.

Integra o Fundo Mundial para a natureza e é membro consultivo da ONU no Conselho Econômico e Social, faz parte da Comissão de Direitos Humanos e atua diretamente com a Comissão das Nações Unidas de Condição Jurídica e Social da Mulher e com a Subdivisão das Nações Unidas sobre o Progresso da Mulher, para melhorar a situação da mulher no mundo.

A fé Baha'i, cujos ensinamentos guiam a Comunidade Baha'i é mundial é a 1.^a religião que sem dúvida nenhuma proclama o princípio de igualdade de direitos, privilégios e responsabilidades para homens e mulheres.

Baha'u'llah não deixou essa declaração como um ideal ou uma esperança piedosa, mas incluiu-a como um fator fundamental no contexto de sua ordem social.

Para as Baha'is, a igualdade dos sexos e uma norma espiritual essencial para a unificação do planeta e para o estabelecimento de uma nova ordem mundial. Sem as qualidades, os talentos e as habilidades de ambos, o completo desenvolvimento econômico e social do planeta torna-se impos-

sível.

Abdul'Bahá, no início deste século, explicou:

A humanidade é como uma ave com duas asas. Uma asa é o homem e a outra, a mulher. A ave não poderá voar se as duas asas não forem impulsionadas com o mesmo vigor. Em harmonia com o espírito desta época, a mulher deve progredir e cumprir sua missão em todos os setores da vida. Ela deve estar no mesmo nível que o homem e ter direitos iguais.

E ainda. Enquanto as mulheres forem impedidas de atingir suas mais altas possibilidades, os homens não estarão habilitados a alcançar o máximo de sua capacidade e grandeza.

Do ponto de vista Baha'i, a educação da mulher é mais importante que a do homem, pois a mulher é quem instrui a criança desde a infância, é a 1.^a educadora da humanidade.

Os Baha'is não separa a vida em compartimentos religiosos e seculares, e considera que a fé deve ser expressa em ação, e a educação para homens e mulheres, em todas as suas facetas "ocupa um lugar de importância na nova ordem de coisas".

Bahá'u'lláh também delegou à mulher a tarefa de contribuir para a paz e promete que a entrada da mulher em todos as áreas humanas é uma questão irrefutável e incontestável, nada pode retardá-la ou impedi-la".

Uma das potencialidades ocultas no reino da humanidade era a habilidade ou capacidade da mulher. Através dos raios ratefulgentes da iluminação divina, a capacidade da mulher torna-se tão desenvolvida e manifesta nesta era, que a igualdade dos homens e mulheres é um fato consumado.

Avante mulheres pois Abdul'Bahá afirmou:

Brevemente dia virá em que os homens se dirigirão as mulheres dizendo:

"Benditas sejais! Verdadeiramente sois dignas de todas as dádivas. Verdadeiramente mereceis adornar vossas cabeças com a coroa da glória eterna porque, nas ciências e nas artes, em virtudes e perfeições, vos tornareis iguais ao homem e no que diz respeito à ternura de coração, riqueza de misericórdia e solidariedade lhe sois superiores."

(Termina de Ler)

Eu gostaria de dedicar esta comemoração em memória a uma mulher Baha'i Parrerê, uma Baha'i persa, que no ano de 1855 deu sua vida por amar as mulheres e amar a humanidade. Parrerê rompeu com todas as barreiras impostas à obscuridade da mulher, naquela época. Em ato público, ela tirou o lenço do rosto, demonstrando aos homens que o velho mundo deveria ser dei-

xado de lado e que nascia ali uma nova era.

Muito obrigado.

A SRA. PRESIDENTA (Ironi Pugliesi) -

Agradecemos as palavras da companheira Zanetti que representa a comunidade Baha'i em Curitiba.

E anunciamos o recebimento de um telegrama neste momento da Maria da Glória Fraga que é secretária da Universidade Católica do Rio de Janeiro, do Núcleo de Estudos sobre a Mulher que agradece o convite, mas não tem condições de comparecer porque o próprio Núcleo do Rio está promovendo uma homenagem à mulher hoje. E também um telegrama do Deputado Alcení Guerra que se diz impedido de comparecer.

Voltamos a anunciar que às 17:30 sairá da Praça Santos Andrade uma passeata até a sessão solene às 20:30 horas na Câmara Municipal de Curitiba onde será o lançamento da Campanha Institucional nos Meios de Comunicação e depois haverá lançamentos de filmes nos Cines Ritz e Groff.

Gotaríamos de anunciar também a presença de Margot Canet Presidenta do Conselho das Empresárias da Associação Comercial do Paraná que também tem contribuído com a luta das mulheres. Dissélia Ferreira, representando as mulheres indígenas de São Gerônimo da Serra.

Nós tendo em vista o término das companheiras inscritas, nós antes de declararmos encerrada a Sessão, queremos agradecer a presença das companheiras, dos

companheiros Deputados, que estiveram aqui presentes, das taquígrafas, da Doutora Lúcia, de todas as companheiras que contribuíram e discutiram os Projetos de Lei que nós estamos apresentando na Assembléia Legislativa para regulamentar a legislação específica sobre a mulher e, dizer à mulher paranaense a às mulheres aqui presentes, que a nossa luta apenas está começando; nós, comemorando 80 anos do "Dia Internacional da Mulher", podemos dizer ainda esta luta está começando. Mas, nós sabemos que em cada uma das companheiras presentes está o espírito de luta da companheira militante pelos direitos da mulher, e nós agradecemos essas companheiras, que são as reprodutoras de todo o trabalho realizado pelas entidades do Paraná em prol dos direitos da mulher.

Encerramos a Sessão, agradecendo a todas as companheiras presentes que vieram prestigiar e, convidar para a inauguração da exposição de obras de pintura da artista Marina Solda, sobre o tema "Mulheres obreiras", que é no recinto desta Casa, agora. E também, não esqueçamos mais uma vez da caminhada da Santos Andrade em direção a praça General Osório, onde se realizará um ato público alusivo a data e o show às 18:00 horas na Boca Maldita.

Então, iremos agora prestigiar a exposição de obras da pintora e artista, Marina Solda, sobre o tema "Mulheres Obreiras". Eu encerro a Sessão convidando a todas que se façam presentes a esta abertura.

Muito obrigado.

(Palmas)